

## TRADIÇÃO E RUPTURA EM *A MANTA DO SOLDADO*, DE LÍDIA JORGE

Valci Vieira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O objeto de leitura deste texto é o romance *A manta do soldado* (2003), da escritora portuguesa Lídia Jorge. Nele está contemplada a construção de um discurso marcado pelas contradições decorrentes da história da ascensão e derrocada de uma peculiar casa rural portuguesa. Tais discursos ensejam a presença de vozes transgressoras que passam a denunciar tudo aquilo que serve de atraso e empecilho para a afirmação da alteridade. Neste sentido, nosso propósito é analisar, na aludida obra, a presença de discursos transgressores que se colocam entre o embate de duas forças – tradição e ruptura –, constituindo-se, estes discursos, em verdadeiras armas de combate. Para tanto, trata-se de uma pesquisa dedutiva, de cunho qualitativo, tendo como principais suportes teóricos Wladimir Krysinski (2007), com seu livro “Dialéticas da transgressão”, cujas reflexões sobre o tema proposto para análise expressam sua relevância; Carlos Felipe Moisés (2012) e sua obra “Tradição & Ruptura: o pacto da transgressão na literatura moderna”, para quem o discurso literário é prenhe de vozes transgressoras. Além destes dois textos, lançaremos mão, também, das leituras de Michel Foucault, a esse respeito, em seu “Prefácio à transgressão”, que nos brinda com prodigiosas colocações sobre a transgressão sobretudo quando a remete à noção de limite.

**Palavras-chave:** Lídia Jorge, *A manta do soldado*, tradição e ruptura, transgressão.

### Introdução

A produção literária de Lídia Jorge, consagrada escritora portuguesa da contemporaneidade, cada vez mais é reconhecida como um significativo contributo especialmente para as literaturas de expressão portuguesa. O trato com as palavras nos revela sua perícia em estabelecer prodigiosas relações entre a literatura e questões de ordem sócio-histórica e política, bem como uma incessante busca ontológica de personagens cujas vozes são marcadas por discursos que denunciam as fortes contradições que delineiam sociedades constituídas historicamente.

Dentre os diversos eixos temáticos que enformam a escrita literária de Lídia Jorge, “esse jogo calado, longe das luzes de todas as ribaltas”,<sup>2</sup> nas palavras da própria escritora, as questões sociais, sem dúvida, ganham espaço privilegiado por entre os fios que são entretecidos ao longo de suas narrativas. Do seio destas, avulta-se o romance *A Manta do Soldado* (2003), originalmente publicado com o título *O Vale da Paixão*, em 1998. Neste romance, assim como em tantos outros de sua lavra, é possível perceber o quanto estamos

---

<sup>1</sup> UNEB/UFES. valci@ffassis.edu.br.

<sup>2</sup> Concepção de escrita cunhada por Lídia Jorge, em entrevista concedida a Nazaré Torrão, publicada na *Revista Língua-vulgar*, n. 01, junho de 2020.

diante de uma escritora que não perde de vista as questões de cunho social. Aliás, em entrevista concedida a Mauro Dunder, publicada na revista *Desassossego*, de dezembro de 2012, Lídia Jorge já deixava claro o seu envolvimento com as causas sociais, ao afirmar, inclusive, categoricamente, que, por mais que não quisesse, sua parte ontológica era social.

Ao construir uma arquitetura textual atravessada por discursos representativos de um contexto político e sociocultural, sobretudo de uma época em que a sociedade portuguesa passava por profundas e significativas mudanças, em decorrência de vários fatores, dentre eles, a ditadura salazarista, cuja configuração foi marcada por ameaças e resistências, Lídia Jorge nos provoca, por intermédio de sua escrita potente e criativa, a percorrer as páginas de seus romances, escavando-os, observando-os, tal qual um arqueólogo, o qual, aos poucos, com seu poder de observação e exploração, torna-se capaz de estudar sociedades e suas culturas, sem perder de vista, portanto, o seu legado histórico.

*A Manta do Soldado* (2003) é uma obra literária que se revela como mais uma prova do vigor da atual literatura portuguesa. Nela está consignada a capacidade de Lídia Jorge de plasmar literariamente as mudanças e as contradições de um tempo em que a oposição entre a tradição e a modernidade se mostra dilacerante em face de tentativas de rompimento de barreiras nem sempre transponíveis. Nossa leitura sobre a aludida obra se refletirá sobre essas duas forças – a tradição e a ruptura -, cujos instrumentos de manutenção e quebra são dados a conhecer, aos leitores de *A Manta do Soldado*, à medida que vozes transgressoras de algumas de suas personagens tornam evidente o forte embate entre a dialética estabelecida pelos defensores da manutenção do *status quo* vigente e entre aqueles que primam por ares de mudança e liberdade propugnadas em face de um processo moderno de emancipação do sujeito.

Repercutem, neste texto, algumas ideias de Carlos Felipe Moisés (2012), Wladimir Kryszynski (2007) e Michel Foucault (2018) no que diz respeito aos mais diferentes espaços de que ocupa a literatura, dentre eles, a de lidar, também, com temas de cariz transgressor, dada à sua própria condição de ser evolutiva e criadora. Essa condição de ser evolutiva e criadora da literatura enseja a abertura de muitas frentes que se (des)formam à medida que novas concepções são por ela assimiladas em detrimento daquelas que deixam de ser sancionadas pela sua força criadora. Aliás, é o próprio Kryszynski que nos ensina que “a vida da literatura e da arte não pode ser pensada fora de uma dinâmica permanente, ininterrompida pelo surgimento, enfraquecimento e evanescência de linguagens transgressivas (2007, p. 27).

Para o desenvolvimento de nossas reflexões sobre o tema proposto para análise, que se configura na metodologia com fulcro em leitura dedutiva, de cunho qualitativo, lançaremos mão de apontamentos dos teóricos anteriormente mencionados, bem como de outros autores que possam nos fornecer subsídios para melhor explorar o potencial da obra *A Manto do Soldado* (2003), naquilo que ela nos apresenta sob a perspectiva de uma relação tensional que se manifesta no embate entre duas forças que se digladiam: a tradição e a ruptura.

### **O universo literário de Lídia Jorge**

A escritora Lídia Jorge tem o seu nome associado, invariavelmente, às mais diferentes experiências literárias, que transitam pelos mais diferentes temas, desde a defesa dos menos privilegiados, dos mais desprotegidos, ao enaltecimento de vozes femininas, além de se constituir em temática recorrente a denúncia da realidade que se acha imbricada em questões sociais, políticas e culturais do universo da nação portuguesa, questões estas facilmente identificadas no conjunto de sua produção prosaica, e por isso também são concebidas como verdadeiros pilares que enformam o seu edifício literário, consoante nos dá a conhecer, nas palavras de Maria Graciete Besse e Joseph Macé-Scaron, publicadas no texto intitulado “Lídia Jorge considerada uma das 10 grandes vozes da literatura portuguesa”<sup>3</sup>:

Lídia Jorge invoca, de uma forma polifônica, os múltiplos estratos do século XX português, privilegiando o olhar das mulheres sobre uma sociedade patriarcal, antes de mais frio, depois atormentado. (...) Em vez de voltar as costas ao mundo contemporâneo, Lídia Jorge agarra-o, espreme-o e faz com que dele saia a violência, a corrupção, a mentira e todos os nossos miseráveis pequenos segredos.

E é exatamente essa sociedade patriarcal, marcada por fortes contradições, inserida em diferentes momentos históricos vividos pela nação portuguesa, que se torna objeto da escrita nada convencional de Lídia Jorge, já que, em seus romances, é possível vislumbrar incursões as mais variegadas, com seus diferentes matizes, e.g., metaficcionalidade, autorreflexividade, instâncias dialógicas, pós-modernas, multiplicidade de cenários enunciativos, o fato histórico sob a ótica do discurso memorialístico, a desestabilização e desconstrução do discurso patriarcal e de tudo aquilo que se torna manifesto a partir de uma concepção de “verdade”, dentre outras. Deste universo polifônico jorgiano, especialmente a desestabilização e desconstrução do discurso patriarcal, para os propósitos deste trabalho, torna-se alvo de nossa

---

<sup>3</sup> O texto foi publicado na revista francesa *Le Magazine Littéraire*, *Público*, 29, de 29 de julho de 2013 ([www.publico.pt](http://www.publico.pt) – consulta efetuada em 11 de agosto de 2021).

exegese, cujas personagens que se querem transgressoras, em face de suas atitudes e comportamentos insurgentes, passam a conceber a transgressão como estratégia de combate, até porque,

“transgressão” acabou por se constituir, não só mas também, em categoria estética, passando a designar a postura do artista ou escritor que, sentindo-se cerceado pela rigidez do sistema vigente, lute por livrar-se dele ou para torna-lo mais flexível. O receio da punição poderia funcionar como freio à transgressão generalizada, de ordem religiosa ou moral, mas na passagem para o âmbito da arte já não há o que temer, para além da volatilidade das metáforas: caso sua transgressão atente contra alguma regra do sistema, ao artista não corre o risco de ser condenado ao inferno nem ao cárcere. (...) (MOISÉS, 2012, p. 23)

Assim, como Lídia Jorge muito bem tem dito, a literatura se constitui num mundo onde a invenção, a liberdade e a capacidade de dar asas à imaginação, na criação de outros mundos, nos provocam o desejo de, cada vez mais, conhecer a nós mesmos e aos outros. O conjunto de suas vivências pessoais, aliadas à experiência estética, tem sido concebido em sua arquitetura literária, desde a publicação de seu primeiro romance, *O Dia dos Prodígios*, o qual alcançou grande sucesso, tanto no meio da crítica especializada quanto entre o seu público leitor, que não para de crescer.

Tal notoriedade parece alcançar, de um modo geral, grandes escritores portugueses pertencentes à geração que passaram a publicar após o 25 de abril de 1974, da qual Lídia Jorge faz parte. Sua produção literária é abrangente, se constituindo de romances, contos, poesia, peças de teatro e títulos de literatura infantil. Esta mesma produção literária testemunha movimentos que pugnaram por mudanças há muito desejadas por pessoas que sonhavam com a liberdade de Portugal em face de uma ditadura que a todos oprimia. Mas não tão-somente! Havia também aqueles que desejavam a liberdade dos países africanos. Este estado de coisas passa a servir de húmus motivador para ações políticas, enquanto consciência crítica, inclusive de Lídia Jorge, cujo testemunho seguinte se revela emblemático:

Sentei-me num balcão que dá para o meu próprio país, mas a partir dele tenho observado o mundo e ao mesmo tempo a vida inteira. Sinto-me testemunha do tempo que passa. Conheci a ditadura, a pobreza, o analfabetismo, a falta de liberdade, e conheci o desejo de mudança de um povo inteiro.<sup>4</sup>

Mas Lídia Jorge, é claro, não ficou apenas sentada no balcão! Inconformada com a sucessão de cenas opressoras, trágicas, que atravessavam o seu cotidiano, pôs-se a denunciá-

---

<sup>4</sup> Fragmento de entrevista concedida a Nazaré Torráo, publicada na *Revista Língua-lugar*, n. 01, de junho de 2020.

los por intermédio de sua literatura. Apossou-se de instrumentos necessários à escavação de terrenos que pudessem dar a ela a real dimensão de conflitos que dilapidavam sonhos e sentimentos, muitas vezes frutos de resquícios arcaicos, não erradicados, os quais foram responsáveis pelos desajustes sociais e familiares e pela construção de gritantes quadros pintados com as cores de situações de desigualdade.

Esses quadros passaram a compor a galeria de obras literárias produzidas por Lídia Jorge. Dentre eles, *A Manta do Soldado*, que é ilustrativa desses conflitos familiares e sociais decorrentes do choque entre ideias e concepções de visões arcaicas e mudanças que se mostraram salutares em direção à modernidade. A partir de agora, pois, passamos a escavar o “sítio arqueológico” denominado *A Manta do Soldado* à procura de marcas, “objetos” que nos deem condições de investigar tais conflitos familiares e sociais e suas consequências, responsáveis pelo silenciamento de vozes e pela manifestação da alteridade, mas também pela insurgência de muitas dessas vozes que, estrategicamente, lançam mão da transgressão como arma de combate.

### ***A Manta do Soldado* e suas vozes destoantes e transgressoras**

O romance *A Manta do Soldado* é protagonizado por uma personagem feminina, inominada, mas referenciada ao longo da narrativa pelas nomeações “a sobrinha de Walter” e “a filha de Walter”. O romance, segundo Luiz Ruffato, em seus comentários constantes das orelhas do livro, publicado pela Editora Record, edição de 2003, é construído “em camadas, como se autora, a portuguesa Lídia Jorge, nos conduzisse para dentro de uma casa sem luz elétrica, no lusco-fusco, e nos fosse dado conhecê-la pouco a pouco, à luz bruxuleante de uma lamparina inaugurando espantos”. Seu espaço geográfico se constitui num ambiente matizado de cores mais escuras do que claras, denominado casa de Valmares, *locus* imaginário situado no Algarve, ao sul de Portugal.

Ao longo da narrativa do romance *A manta do Soldado*, a narradora se depara com caminhos conflituosos que irão servir de óbice para a sua própria construção identitária. Vários são os discursos engendrados interna e externamente à casa de Valmares, os quais se colocarão como forças contrárias às mudanças e avanços de questões que anunciam novos tempos. A casa patriarcal se transforma num espaço onde as vozes de outras pessoas ocupam o lugar de fala e tentam silenciar aquelas consideradas por essas mesmas pessoas vulneráveis. Sua história de vida, dessa forma, passa a ser narrada através da fala de outrem: tem notícias de seu pai por intermédio do avô; informa-se como a mãe se engravidou dela e de todos os



acontecimentos advindos dessa gravidez através dos empregados da casa; os tios, com os quais ela convive, são os responsáveis pelos relatos da vida de Walter, seu pai. E assim a narradora vai convivendo num ambiente onde os conflitos gerados pela representatividade de dois mundos opostos dão as cartas: de um lado, o avô, símbolo do patriarcado familiar, com suas investidas para a manutenção de tradições e privilégios; de outro, a mudança, preconizada pelos ventos da modernidade, ganha força especialmente na voz de Walter Dias, que se avulta como aquela que se coloca contrária às tentativas de calá-la.

A primeira imagem construída por entre os fios entretecidos da escrita jorgiana, simbólica da manutenção de tradições, em detrimento de mudanças, se encontra logo nas primeiras páginas do romance. Refere-se essa imagem à casa de Valmares, administrada a mãos de ferro pelo patriarca Francisco Dias, constituída de espaço físico por onde se desenrolarão a maior parte das cenas responsáveis pela dinâmica do enredo. Os novos tempos já estavam batendo à porta, e, com eles, surge o anúncio - materializado em projeto - de adequar o velho casarão às necessidades do presente, mas tão-somente sob a ótica externa do casarão, com a possibilidade de mudanças de fachada e pátio à implantação de uma piscina azul; da substituição das velhas calçadas, que dificultavam o trânsito de pessoas por uma rua acessível, de aspecto agradável. Da ótica interna, por seu turno, o aspecto antigo da casa de Valmares seria mantido como quem quisesse manter os mesmos espaços para facilitar a locomoção de seus moradores, mas também manter o mesmo clima interior, a mesma ambiência, o que pode significar a resistência ao novo, às novas configurações de espaço, tempo e sentimentos. O excerto da obra a seguir nos dá a dimensão desse embate entre o velho e o novo, cuja narrativa nos coloca em contato com a escrita também imagética de Lídia Jorge:

(...) a casa está como foi, os filhos de Maria Ema colaboram, não refazem as paredes, apenas as untam com umas chapadas de tinta, e os dois, agora de mão dada, fazem parte dos muros em torno dos quais existe um plano de conservação prática. Existe o projecto de que a fachada e o pátio sejam refeitos e pintados e também a ideia de que o Bulldozer há-de escavar uma piscina azul, em forma de pegada humana, no sítio onde antigamente Francisco Dias guardava o estrume. Aí, talvez as figueiras cinzentas sejam abatidas, e no lugar dos seus pés se ergam palmeiras adultas donde penderão brancas redes de balanço. Será necessário apagar da calçada a sombra dos velhos animais e tornar a rua um lugar aprazível. Por dentro, porém, manter-se-ão as traves, o corrimão, a escada, a porta do quarto do primeiro andar, o seu manípulo, o seu limiar e o seu soalho. Talvez a mesma luz e o mesmo som dos passos no tabuado, o mesmo cheiro a sabão e a cera. O mesmo patamar e os mesmos degraus. (JORGE, 2003, p. 12-13)

Não podemos perder de vista, no excerto citado, ademais, o uso de vocábulos representativos desse embate que se instaura entre a permanência e a mudança, entre a

associação de imagens escuras e penumbras ao pretérito, e imagens que nos remetem à claridade e à esperança ao tempo presente, no *locus* externo: no lugar de “figueiras *cinzentas*”, erguer “palmeiras adultas donde penderão *brancas* redes de balanço”; “tornar a rua um *lugar aprazível*”, em lugar de “calçada a *sombra dos velhos animais*” (grifos nossos). No interno, sequer existem perspectivas de mudanças; ao contrário, o pronome “mesmo” é empregado reiteradamente: “manter-se-ão as traves, o corrimão, a escada, a porta do quarto do primeiro andar”; “a mesma luz”; “o mesmo som dos passos no tabuado”; “o mesmo cheiro a sabão e a cera”; “o mesmo patamar e os mesmos degraus”.

Tais imagens construídas referentes aos *loci* interno e externo da casa de Valmares também são representativas e remissivas, pois nos levam a refletir o quão difícil é operar mudanças internas, isto é, mudanças em nosso interior.

Mas, em verdade, a imagem mais emblemática ligada às tradições, constante de *A Manta do Soldado*, é aquela que associa a figura de Francisco Dias ao patriarca todo poderoso. Ele era aquele lavrador, senhor do destino de filhos e noras e netos. Sendo sempre sua a última palavra, não admitia ser contrariado, muito menos ter as suas ordens desobedecidas, transgredidas. Nesse ponto, é praticamente impossível não associar a personagem Francisco Dias à figura de António de Oliveira Salazar (1889-1970), ditador português, dadas as marcas textuais e ao contexto político e social da época, como, *verbi gratia*, quando o patriarca passa a questionar a fuga de seus filhos para outras paragens, sem dar notícias, sem “novas nem mandados”, dando-lhe a impressão de estar diante de uma vida fadada à decadência. Aqui, remetemo-nos, *incontinenti*, sem antes intertextualizá-la com a significativa massa de emigrados portugueses fugindo da ditadura salazarista, especialmente para terras francesas, a uma passagem do romance: “Seria que a sua casa, a sua empresa, a sua representação de império poupado e produtivo se tinham reduzido àquela decadência? Por que demoravam a voltar os filhos emigrados?” (*Ibidem*, p. 96). Ou, ainda, em outra passagem remissiva à ditadura portuguesa, época de mudez e silenciamento, de perda de liberdade, em que a personagem Dr. Dalila, médico e amigo da família, sempre que chamado à casa de Valmares, para lá se dirigia, sem medir esforços, numa atitude de subserviente: “O importante, *naquele tempo de silêncio*, é que sempre que o chamava ele vinha, subia pela escada e aparecia à porta como na noite de sessenta e três” (*Ibidem*, p. 166) (grifo nosso).

Sem dúvida, no decorrer da narrativa de *A Manta do Soldado*, o grande embate travado, sobretudo no plano da enunciação, será aquele entre Francisco Dias e seu filho caçula, Walter Glória Dias. Enquanto o pai assume a posição de homem conservador, intolerante, hostil, averso a mudanças e adepto a resistências, Walter Dias, por sua vez, em

face de sua condição de aventureiro, viajante do mundo, transgressor, aberto a novas possibilidades de ser e de estar, passa a angariar o ódio do pai que, permanentemente, quer vê-lo pelas costas. Francisco Dias e demais familiares não perdem a oportunidade para arregimentar uma miríade de alcunhas e impropérios dirigidas ao filho desnaturado: o trotamundos, o indesejado, o depravado, o vampiro, o desassossegado.

Assim, a condição de ser livre de Walter Dias, que não se curva diante nem mesmo do autoritarismo paterno, que não mede esforços para ultrapassar os limites fixados, que não aceita comprometer-se em face de convenções sociais, acaba por ensejar o delineamento de uma sucessão de quadros revoltados, transgressores, todos muito bem arquitetados pela expressividade de uma escrita que nos incita a penetrar no seu universo constituído de um efetivo exercício do poder de vozes políticas que são fruto do livre agir, já que, consoante pensamento de Hannah Arendt (2018, p. 11), “livre agir é agir em público, e público é o espaço original do político. Nele, o homem deve mostrar-se em sua liberdade e espontaneidade, e se afirmar no trato político com outros.” Walter Dias, portanto, ainda de acordo com o pensamento de Arendt sobre o ser político, é um homem que prima pela liberdade, que jamais perde a confiança em começar de novo e fazer diferente. Exatamente por conta desse perfil espontâneo e político de Walter Dias, que ele vai encontrar fortes oposições nas atitudes e comportamentos do pai e de outros parentes.

Os tais quadros revoltados, transgressores, que desfilam por entre as “paredes” de *A Manta do Soldado* merecem as nossas deferências, tamanho é o conflito que se instaura entre filho e pai e entre filho e demais familiares. *A priori*, vale destacar o ódio que Francisco Dias sentia por Walter Dias, pois este, já com seus dezessete anos, mostrava-se rebelde e insubmisso, livre para fazer o que desejava, e por isso mesmo era considerado um vagabundo, um preguiçoso:

O filho mais novo de Francisco Dias vendia desenhos de pássaros, recusando-se a trabalhar. E o confronto havia passado a ser outro, porque Walter Dias já tinha dezessete anos e gritava na rua que, se não permitissem que ele usasse a charrete, iria a pé e ficaria por lá, ninguém saberia se voltaria ou não. Francisco Dias tinha ataques de ódio e apenas se conformava porque sabia que em toda a irmandade costumava existir um depravado, aquele que a natureza fazia nascer no seio duma família composta, para que o equilíbrio se mantivesse, para que o mal não fosse só dos outros. (*Ibidem*, p. 57-58)

Mas a aversão de Francisco Dias pelo filho caçula não parava por aí. As impressões que ele tinha de Walter Dias demonstravam a dimensão da oposição que havia entre eles. As posições da narradora, a esse respeito, não deixam dúvidas: “Era-lhe bastante claro que havia



uma nuvem escura sobre a cabeça do filho mais novo. Dizia-o para quem quisesse ouvir, nos tempos livres de domingo, antes de dormir, (...)” (*Ibidem*, p. 59).

A criação rígida, tradicional, conservadora de Francisco Dias não fazia curvar Walter Dias, daí aumentar cada vez mais o distanciamento entre eles:

(...) E a vergonha, na criação da obediência, era um sentimento imprescindível em todos os tempos, principalmente nos diligentes anos trinta. Todos seus filhos, incluindo Adelina Dias, tinham saído dessa disciplina de rigor, formadora e punitiva, como deveria ser. – “Menos Walter” – dizia Francisco Dias, e às vezes nem conseguia dormir na sua cadeira de mogno, os pés enfiados numas alpergatas, as botas de cardas postas ao lado. Não conseguia, por causa do filho mais novo. A sobrinha de Walter via. (*Ibidem*, p. 59-60).

Por outro lado, o comportamento conservador e opressor de Francisco Dias não fez vítimas apenas entre seus filhos, sobretudo o filho mais novo, mas também entre todos aqueles que resolvessem ir de encontro às suas normas, a exemplo da figura do professor que não aceitou ensinar aos seus alunos – dentre eles, estava o filho Walter de Francisco Dias -, velhas metodologias que não coadunavam mais com os novos tempos educacionais, e por isso foi por ele mandado embora. Sua voz insurgente se materializou em seu revolucionário – pelo menos para aquele contexto -, projeto de educação. Ilustremos esse episódio com o fragmento literário seguinte:

Sim, ao contrário dos outros, o mais novo estava destinado a ser instruído por um incompetente recém-chegado, um homem pequeno, de cara completamente lisa, que fazia lume sobre a secretária, queimava papel, cabeças de fósforos, álcool e algodão-em-rama dentro de frascos. (...) Não lhes ensinava nada. (...) Mas esse transviado trazia para a sala de aula pássaros vivos e pássaros mortos, abria-lhes as asas, mostrava a diferença das penas, as articulações das patas no poiso e no vôo. (...) Que Francisco Dias, ele mesmo, havia escrito ao delegado falando da sua suspeita, e tinha movido o abaixo-assinado das dedadas, e por sua iniciativa o professor desaparecera. Mas tinha sido tarde de mais para as várias crianças desinstruídas. Tarde de mais para o seu filho Walter, o que fugia de casa, em cima da charrete para desenhar pássaros. (*Ibidem*, p. 61-62)

Exatamente, já era muito tarde para mudar o comportamento do filho, para colocar-lhe cabresto. Walter Dias já havia criado asas e voado. Ao contrário de seus irmãos, que viviam sob as ordens paternas, de qualquer natureza, sem questionamentos, Walter Dias pegou o rumo da estrada. Não aceitava a vida modorrenta do lugar onde nasceu. Queria conhecer outros lugares. Adquirir novas experiências. Já havia ouvido falar que “no Canadá os prédios são gigantes e as estradas cruzam neves a perder de vista. Que a vida é ampla, é livre, é outra.” (*Ibidem*, p. 140) E, por isso mesmo, “Walter é o único que está livre, não possui raízes

nem família construída à face da lei de nenhuma das cidades onde tem morado.” (*Ibidem*, p. 177)

Dessa forma, Walter Dias representa, na obra de Lídia Jorge, a voz que se coloca contrária aos discursos hegemônicos, aos tabus e as proibições, os quais obstaculizam novas experiências e cerceiam a inserção do homem no mundo cuja realidade precisa ser designada pela representação discursiva, pelo embate de vozes que também se querem contrárias, pelo interdito, portanto. Aliás, a simbologia em torno da manta do outrora soldado Walter Dias, que guarda vários significados ao longo da narrativa, faz ecoar talvez uma de suas principais vozes: a manta se faz atlas; o atlas representa o mundo; o mundo, por seu turno, está onde desejamos, onde imaginamos, pois “A manta tem terra de todos esses lugares”. (*Ibidem*, p. 186).

### **Considerações finais**

Em última análise, quando propomos estas reflexões sobre o decantado embate entre aspectos tradicionais e conservadores, seja em qualquer esfera do comportamento humano, não entendemos como uma atitude prudente negar o que foi construído, ontem, mas trazer, para o presente, experiências positivas que podem ser assimiladas em face de vozes transgressoras, até porque, de acordo com a leitura foucaultiana, *apud* Daniel Verginelli Galantin, em obra organizada por Atílio Butturi Jr. e Cristine G. Severo, “transgressão e experiência são termos colocados em continuidade” (2018, p. 323). Por outro lado, a chamada transgressão radical, que nega veementemente os contributos pretéritos, em nada pode colaborar para a construção da dialética histórica do cabedal humano. É preciso, sim, compreender que, entre a tradição e a ruptura, há um movimento dinâmico que nos impulsiona para frente, para o inevitável “desconcerto concertante”.

### Referências:

- ARENDDT, Hannah. *O que é Política?* Fragmentos das Obras Póstumas Compilados por Ursula Ludz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
- GALANTIN, Daniel Verginelli. Notas sobre o Prefácio À Transgressão de Michel Foucault: Linguagem, Transgressão e Negatividade. In: BUTTURI JUNIOR, A.;
- JORGE, Lídia. *A Manta do Soldado*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2003.
- KRYSINSKI, Wladimir. *Dialéticas da Transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Tradição & Ruptura: O pacto da transgressão na literatura moderna*. Vila Velha, ES.: Opção Editora, 2012.

SEVERO, C. Gorski (Orgs.). *Foucault e as linguagens*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.